



GT 42. Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

Coordenador(es):

Gisele Fonseca Chagas (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Silvia Montenegro (CONICET)

Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores que discutam os diferentes processos de construção de identidades no contexto das comunidades diaspóricas médio-orientais na América Latina, buscando incluir também as pesquisas daqueles antropólogos que realizam trabalho de campo sobre esses processos no Oriente Médio e no espaço global. O intuito é refletir sobre as dinâmicas locais e os fluxos transnacionais que envolvem essas configurações identitárias através do movimento e circulação de pessoas, instituições, objetos e ideias numa perspectiva etnográfica. O GT pretende trazer para o debate o papel da etnografia na compreensão das diferentes dimensões que abarcam tais processos e servir como espaço para troca de experiências de pesquisa e reflexões metodológicas sobre o estudo do islã e outras vinculações religiosas, as identidades e conflitos étnicos e nacionais, as questões de gênero e temas emergentes tais como refugiados, exilados e deslocados por guerras e conflitos recentes.

Sufismo transnacional en la Argentina contemporánea. Un registro etnográfico de la Orden Naqshbandi Rabbani situada en la Patagonia Argentina

Autoria: Cecilia Capovilla (Estudiante)

Desde finales del siglo XIX, a partir de los procesos migratorios de sirios y libaneses, el Islam llega a Argentina y se institucionaliza como una religión étnica. A partir de entonces, atravesó diversos procesos de reconfiguración, encontrándose hacia fines de siglo XX, con la convivencia de variadas vertientes y la paulatina admisión de conversos sin ascendencia árabe musulmana. El sufismo, corriente esotérica del Islam, cuenta con antecedentes anteriores pero llega más ampliamente en los 90 al país a través de dos modos diferenciados de transnacionalización religiosa: una, vinculada a las estrategias de expansión hacia occidente, América Latina y Argentina de órdenes (Naqshbandiya y Yerrahia) con origen en Asia central y Turquía cuya membresía está formada exclusivamente por argentinos conversos; y otra, vinculada a procesos migratorios de africanos, donde las religiones (Mouridiya y Tijaniyya) migran junto a los devotos, reuniendo una membresía africana. En un sentido amplio, esta ponencia pretende dar cuenta del espacio que ocupa el sufismo en el campo religioso argentino. En sentido específico, el objetivo es describir la "Chacra del Recuerdo" perteneciente a la Orden Sufí Naqshbandi Rabbani, liderada por el Sheij Abdul Rauf Felpete, ubicada en un distrito rural de la Patagonia Argentina. A través de diversas visitas, las herramientas del método etnográfico, me permitieron introducirme al interior de la comunidad y generar un amplio registro narrativo y fotográfico de "la Mezquita más austral del mundo", manera en la que la llamaba su maestro maestro Mawlana Sheikh Nazim, el líder global de la Orden Naqshbandi, fallecido en mayo de 2014 en Chipre. Al pie de la cordillera, desde hace más de 20 años, se asentó y comenzó a expandir esta orden, dando origen a una gran comunidad formada hoy día por más de 15 familias. En la chacra, además de la Mezquita y el Maqan, hay una dergah, con cabañas para hombre y mujeres, donde acuden alrededor de 60 personas para la realización del Diker y la Yumma, aprovechando muchos de ellos a alojarse todo el fin de semana para compartir diversas actividades con la comunidad.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: